

Há quase uma década surgiu a revista *Lumen Veritatis* visando ser eco fiel do Magistério Eclesiástico sob a égide da doutrina tomista. Esta opção inicial não ocorreu simplesmente porque São Tomás de Aquino é recomendado há séculos por Pontífices e doutores como farol para o estudo da teologia e da filosofia. Antes, a razão mais apropriada é porque, de fato, sua obra é válida, tanto quanto está ancorada na *verdade*.

Ser tomista não significa, pois, uma mera fixação nas obras do Aquinate, em desprovento de outros autores. Ao contrário, na realidade, nada há de mais antitomista do que esse posicionamento. Basta recordar que o antigo brocardo “*timeo hominem unius libri*” (temo o homem de um só livro), atribuído pela tradição ao Doutor Angélico, remonta à sua própria vida, pois teve ele, por exemplo, notável comprometimento em estabelecer colóquios entre o pagão Aristóteles, o cristão Agostinho e até mesmo o maometano Averróis, entre outros.

Como naquela época, também hoje esta proposta continua eficaz. Claro que a verdade permanece válida independentemente de sua origem, por abeberar-se sempre do manancial do Espírito Santo. Sem embargo, é incontestado que para o Aquinate o fiel católico tem substancial vantagem nesta *via veritatis*, por trilhar *a priori* o caminho de Cristo Verdade.

Sob o pálio dessa convicção, São Tomás se consagrou amorosamente ao *Verum*, o qual se revela somente a quem dele se faz escravo. Com esta obediência sapiencial, abandonou, pois, os liames mundanos e a carreira promissora impulsionada pela família, dedicando-se com exclusividade a esta insigne vassalagem. Esta consistia não apenas na desapegada entrega de sua inteligência ao sublime, mas também na disposição de defender a Verdade contra seus inimigos, mesmo em detrimento da própria vida. Com efeito, sob esta expectativa, rebateu ele não apenas os grandes erros e heresias do passado e de seu tempo, mas também, como que antevendo o porvir, repeliu futuras objeções, incogitáveis até mesmo nas mentes dos mais ardilosos filósofos. Portanto, o pensamento do Aquinate supera as barreiras cronológicas para nos oferecer, ainda hoje, uma compreensão acerca da realidade, precisamente à luz da verdade — *lumen veritatis*.

Mas não só isso. O tomismo também nos oferece uma adequada *forma mentis* para estudar todo e qualquer assunto, mesmo há quase oito séculos

de distância de seu mestre. Em outros termos, mesmo após tantas revoluções culturais, num pulular de relativismo, pós-verdade e até mesmo de *fake news* — mentiras fantasiadas de notícias —, o pensamento de São Tomás se torna cada vez mais atual e eficaz. Nessa esteira se encontra outra proposta-chave da revista, isto é, analisar o pensamento contemporâneo retroagindo a outros autores, escolásticos ou não, em busca daquela verdade que realmente liberta (cf. Jo 8,32).

Este quadragésimo número é um bom exemplo disso.

No primeiro artigo remonta-se à excepcional figura de São Francisco de Assis, focalizado sob o tradicional tema da imitação de Cristo, bem como a sua configuração como *alter Christus*. Ambos os assuntos, amplamente discutidos dentro e fora da Academia, foram quase sempre desligados entre si e pouco destinados a enfatizar a *verdadeira* imagem do Santo aos olhos do leitor do século XXI.

A proposta do Autor parte de uma breve análise da vocação do *Poverello*, germinada não apenas pelo famoso encontro com o crucifixo de São Damião e a conseqüente promessa de restauração da Igreja, mas também por um profético sonho, no qual entrevia um grandioso palácio, cheio de armas prontas para a guerra, destinadas a ele e a seus discípulos. De fato, a vida do santo, como salienta o artigo, foi uma autêntica batalha, não medindo esforços para a conquista do Reino de Deus.

Em seguida, o texto aborda propriamente o tema da imitação de Cristo, baseando-se sobretudo em fontes primitivas. A frequência desta questão nas biografias do Assisense é de todo surpreendente. O autor enfatiza o quanto o Santo seguiu com perfeição as pegadas do Divino Mestre, sem temor de compará-lo com Jesus nos mais variados modos de ser. Antes, o próprio Francisco, por reconhecer nele mesmo a Verdade, convidava seus discípulos a imitá-lo em sua *sequela Christi*. Resta de sobejo comprovada que sua notável humildade não contrastava com a *veracidade* de ele ser insigne modelo de santidade.

Um dos impulsos empreendidos por Francisco no convite a esta imitação foi certamente a aplicação de sua *Regra*, sob os moldes do Evangelho. Entendia o Santo, porém, que a imitação admirativa rendia ainda mais frutos do que a pura leitura de textos ou a formação intelectual. Donde se configurar no ideário de seus discípulos que a perfeita imitação ocorria *através* de seu mestre, como uma espécie de corrente mimética que os enlaçava a Cristo. Esta teoria se torna ainda mais explícita após a sua estigmatização, ao tornar-se

patente a configuração com a Paixão Redentora; uma verdadeira reedição da vida de Cristo.

Este artigo inicial é arrematado com a temática da providencialidade da vocação de Francisco, através de inúmeras interpretações alegóricas do Apocalipse (6,12; 7,2), como a que o *Poverello* seria o anjo do sexto selo saído do Oriente, bem como o portador do sinal do Deus vivo (por seus estigmas). Ademais, ele é comparado a santos varões do Antigo e do Novo Testamento pelo cumprimento heroico em cada uma das virtudes que eles representavam. Em suma, a imitação de Cristo estava canalizada pela imitação de Francisco, *imitatio Francisci*.

Tanta insistência nesta manifestação de virtudes do *Poverello* e sua configuração com Cristo Padecente poderiam sofrer hoje a pecha de fanatismo, culto ao líder ou mesmo de “culto à personalidade”, conforme a expressão cunhada pelo comunista soviético Nikita Khrushchev. Nada de mais injusto, desde que aquele ao qual se devota admiração seja efetivamente santo. A razão é que o autêntico herói no cumprimento das virtudes jamais terá os sentimentos de narcisismo, demagogia e populismo, comuns aos mentores totalitários. Em suma, analisar as hagiografias desfocadas do âmbito sobrenatural é como querer enxergar a realidade em meio a densas trevas. Somente o sagrado pode nos iluminar e, por isso, mais uma vez, a premência de recorrermos sempre ao *lumen veritatis*.

O segundo artigo também traz a lume o tema da providencialidade. O autor trata do relevante papel dos leigos na Igreja, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Enfatiza-se, pois, o papel do laicato nos dias de hoje, que visa ser revestido de caráter distintamente sobrenatural como irradiação da luz de Cristo no mundo. Esta iluminação certamente comporta uma intrínseca colaboração com a Hierarquia, mas a supera no tocante ao múnus profético e ao chamado universal à santidade. A vocação do leigo há de ser analisada, portanto, à luz da graça, como baliza de ação no âmbito temporal e não o contrário, pois, como atestou o Divino Mestre, “sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15,5). Em outras palavras, sem a Verdade, inexistente a caridade e, portanto, qualquer ação autenticamente pastoral.

Concluindo a secção de artigos, insere-se um pormenorizado debate entre a posição trinitária do teólogo Karl Rahner, SJ e a de São Tomás de Aquino, através da análise feita pelo dominicano Gilles Emery. O texto se concentra, de um lado, no famoso *Grundaxiom* do teólogo jesuíta, bem como sua interpretação e impacto nos estudos sobre a Trindade, desde a sua publicação germinal em 1967. Um dos problemas centrais sobre o “axioma fundamental” é

a sua inerente ambiguidade de expressão, sobretudo no que tange à segunda parte (o “vice-versa”). Por outro lado, mais uma vez, a teologia tomista nos auxilia na compreensão da temática ao aplicar os conceitos rahnerianos de Trindade imanente e Trindade econômica à intuição de Gilles Emery com os termos “*theologia*” e “*dispensatio*” do *corpus thomisticum*. A solução do teólogo suíço é refinada e merece ser lida com atenção.

Por fim, seguindo nossa proposta editorial, a tradução do sermão *Seraphim stabant* de São Tomás de Aquino coroa o mistério da Santíssima Trindade — seja no âmbito imanente, seja no transcendente — numa abordagem precisa e sintética. Cabe advertir que o texto que legou a tradição é apenas uma *reportatio* da exposição do Aquinate — certamente bem mais extensa — o que não impede, porém, de nos adentrarmos no cerne de sua teologia. Basta que estejamos banhados pelo facho da verdade.